

# A VELHA GUARDA

ORGÃO LOCAL DO PARTIDO REPUBLICANO PORTUGUÊS

Editor:

Propriedade da Empreza de A VELHA GUARDA

Redactor principal:

AGOSTINHO FERNANDES ROCHA

Administrador: FRANCISCO GONÇALVES DA CUNHA

JOAQUIM DE ALMEIDA GUIMARÃES

Redacção e Administração: Rua Elias Garcia, 46. — Composto e impresso na Tipografia de A VELHA GUARDA: Rua Elias Garcia, 45 — GUIMARÃES

## GUIMARÃES A SAQUE

A Comissão Executiva da Câmara votou, para despesas com a recepção ao candidato dominguista snr. Lúcio, que aqui vem em missão de propaganda eleitoral, a enorme quantia de Esc. 7:850\$00!

São perto de oito contos que os dominguistas, a pretexto de festas a um ex-deputado, surripiam à bolsa do contribuinte para gastar na sua propaganda eleitoral, em jantaras, passeios e subornos de eleitores!

Povo de Guimarães! A pontapé, pela janela fora, quem por tal forma te explora!

### BASTA!

Desse grupo de meia dúzia de criaturas que, por grande felicidade para nós, deixaram, para sempre, o Partido Republicano Português, logo que viram que a sua direcção local estava e continuaria entregue em mãos bastante honestas e bastante firmes para lhes permitirem poucas vergonhas, tudo é licito esperar, tantas tem sido as suas falcaturas indecentes, tão notória e depressamente para a República se tem tornado a bambuchata ignobil e ascorosa que tem feito da administração pública que lhes caiu nas mãos.

Tudo quanto de ausência absoluta de escrúpulo, de falta completa de vergonha, de inteiro desprezo pela lei, de carência total de probidade na administração de dinheiros e valores que são do povo, se possa conceber, tudo isso é de esperar desse grupo que compromete, mais do que quaisquer ataques de monarquicos, o bom nome da República.

Que admira, pois, que o grupo que já não pode locupletar-se com o dinheiro do açúcar nem do jôgo, vá arrancar dos cofres da Câmara os contos de reis que lhe fazem falta para a sua propaganda

eleitoral, para as continuas viagens em automovel dos seus dirigentes, para as constantes jantaras e ceias de que saem apoplecticos, mas cada vez mais esfomeados e sedentos?

Acabou-se o dinheiro do jôgo, de que até hoje tem vivido, que até hoje lhes tem dado o suficiente para as continuas merendas e para os seus repetidos passeios a Lisboa. Negociatas como as do açúcar não aparecem todos os dias. Arvoredo, para cortar e vender, já não haverá mais. Mas trata-se de criaturas que, ante a necessidade de arranjar dinheiro, não hesitam, muito menos recuam: vão, descaradamente, buscá-lo aos cofres da Câmara!

Automoveis, petiscos e vinho, tudo isso está muito caro; estão à porta as eleições; é preciso correr o circulo para mendigar ou comprar votos; a sede e a fome atormenta-os muito; é preciso dinheiro, mais dinheiro, muito dinheiro. Pois bem; arvora-se o seu candidato a deputado em famoso ditador que nos ofertou um liceu de graça; chama-se cá o homem para fazer a sua propaganda eleitoral, e dá-se-lhe a côr dum passeio triunfal de potenta-

do que se digna vir receber os louros dos seus subditos; a Câmara, em nome destes, recebe-os e vota oito contos para bandeiras e foguetes em honra do grande homem; gasta um ou dois e o resto fica para a grande pandega que vai ser o pedido de votos por aí fora, com ceias e jantares por todas essas freguesias!

E' isto mesmo! Não o inventamos; é official; é público; a Câmara, na sua última reunião, deliberou gastar com a recepção do snr. Lúcio Esc. 7:850\$00!

A Câmara que não pode custear as despesas do Liceu, a que se obrigou, a Câmara que deixa morrer de fome os seus empregados negando-lhes a subvencão a que tem direito ou o salário que chegue para uma malga de caldo, a Câmara que continuamente nos está mimosando com aumentos de contribuições e criação de novos impostos, a Câmara que não tem dinheiro para nos arranjar água e que já, nesta altura do ano, nos fecha os marcos fontenários durante toda a noite e a maior parte do dia, a Câmara que deixa arruinar todos os caminhos de aldeia com a única excepção dos que servem interesses particulares de vereadores, a Câmara que não tem tido dinheiro para um único melho-

ramento, nem sequer para conservar os das verreações transactas, está, todavia, suficientemente habilitado a gastar oito contos para despesas de propaganda eleitoral dum grupo politico que só vergonhas, tolices e crimes conta no seu activo!

Não! Isto é demais! Basta! Fora com essa corja! Povo de Guimarães: isto passa os limites da paciência; isto implica com a dignidade de todos nós! Abaixo a corja! Por todos os meios, para defeza da nossa honra e da nossa bolsa, rua com essa malandragem!

### Impressões da semana

#### O imposto "ad valorem",

Eis um assunto que me parece digno de ser tratado aqui para melhor esclarecimento do público.

A Câmara, em sua sessão plenária, de 27 de Abril p. p., votou o lançamento do imposto «ad valorem».

E' natural que haja por aí muita gente que não saiba o que seja semelhante imposto, e por isso vou explicar-lho:

O Parlamento aprovou, ha tempos, uma lei que autoriza as câmaras municipais do país a lançarem um imposto sobre o valor das mercadorias exportadas por cada um dos respectivos concelhos. Esse imposto pode ir até três por cento.

A Câmara de Guimarães, aproveitando-se dessa lei, lançou o aludido imposto nas seguintes condições:

Um e meio por cento sobre tecidos, cutelarias, calçado e pentes, que são as indústrias mais importantes, dêste concelho; e um por cento sobre os restantes artigos exportados.

Calculando-se que só o valor das mercadorias sobre que recai o imposto de um e meio por cento é superior a trinta mil contos, conclue-se que a Câmara cobrará, só nestas mercadorias, para cima de quinhentos contos!

E' esta resolução da Câmara paíssou quasi que despercebida; pois, a não ser um telegrama que a Associação Commercial dirigiu ao Parlamento, pedindo a revogação da lei que autoriza o imposto «ad valorem», nada mais temos notado que se pareça com o mais leve protesto contra uma semelhante medida. O nosso povo é assim: Queixa-se, lastima-se de todos os males que o assoberbam, sem se lembrar sequer que todos esses males de que sofre são o resultado do seu indiferentismo em tudo que diz respeito a questões de administração pública.

Eu não tenho que condenar a Câmara, por ela se ter aproveitado duma lei geral do país; tenho sim que a discutir e criticar, relativamente ao «quantum» com que ela pretende contribuir. Tem a Câmara necessidade de elevar tão alto as suas receitas? Julgo que não. O maior encargo que ela tinha desapareceu com o projecto aprovado pelo Parlamento, ha dias. Gastava com o Liceu 70 contos que agora deixa de gastar. Não é lógico que, diminuindo as despesas, se vá aumentar as receitas. Só a este processo se deve recorrer, quando ha déficit.

Nestes termos pois, não vejo razão nenhum plausível para que a Câmara contribua com um e meio por cento sobre as mercadorias referidas. E' com fins politicos que a Câmara assim procedeu? Mal vai a facção que de tais meios se serve para fazer politica. Com dinheiro não se brinca. Eu não duvido de que no Senado Municipal haja homens

que vejam dois palmos adiante do nariz e que, por certo, deviam medir bem o alcance e os resultados de tal medida; mas o que já não posso afirmar, é que se encontrava ali um único homem de consciência livre. Pela mesma razão que houve quem protestasse contra o imposto de cinco centavos em cada litro de vinho de mesa não verde, a ponto de esse imposto ficar reduzido a um centavo, porque não houve quem dissesse bem claramente, iludindo o Senado composto na sua maioria por indivíduos que desconheciam (estou certo disso) o assunto da proposta que iam aprovar, que a percentagem de um e meio por cento era uma exorbitância?

Mas não; a inconsciência predominou no Senado e a proposta foi aprovada tal qual foi apresentada pelo sr. dr. Moreira Sampaio.

Esta proposta para ser posta em execução necessitava do «referendum» das juntas de freguesia. Ha dias, encontrando-me, por acaso, com um membro duma junta, durante a nossa conversa tocámos ao de leve no assunto. Perguntei-lhe se tinha dado a sua aprovação a resolução da Câmara e ele respondeu-me: — «Eles andaram por aí (eles eram certos vereadores) a pedir para a gente assinar... e nós, os da junta, assinamos todos».

Mas, perguntei-lhe ainda, você, em consciência, entende que aquella proposta devia ser aprovada tal qual foi apresentada ao Senado? — «Não, respondeu ele».

Nada mais é preciso dizer para que o público fique sabendo que predominou a inconsciência no Senado e nas juntas de freguesia, na aprovação duma proposta, cujos resultados, quando ela venha a ser posta em execução, não há de dar assunto vasto para as «Impressões da Semana».

Mas vamos ao último ponto, para terminar. É preciso que eu diga em que julgo prejudicial a execução da mencionada proposta. Pode haver alguém que suponha que esses quinhentos e tantos contos sairão do bolso dos industriais e que, como a bolsa d'elles está presentemente recheada, nenhuma falta lhes fazem. Enganam-se aqueles que assim pensarem. Os industriais, estejam certos disso os leitores, não porão do seu bolso um centavo.

Os artigos serão sobrecarregados com o imposto e, como não é só o concelho de Guimarães que tece, faz botas, facas ou pentes, o armazenista irá fornecer-se em concelhos, onde o imposto seja mais leve. Porque, convençamo-nos disto, a época de tudo se vender e por todo o preço acabou. Tudo indica que vamos entrar na normalidade e os lucros limitar-se-hão a tal ponto que aos industriais de Guimarães não será possível competir com os de outros concelhos, onde o imposto «ad valorem» não exista e, se existir, não vai além de um quarto por cento.

Haverá pois crise nas principais indústrias da nossa terra, as únicas fontes de vida que ela possui e que deviam ser olhadas com carinho por todos os vimaranenses.

Eis a razão, pois, por que entendo que a Câmara, inconscientemente, vai prejudicar os interesses do concelho, os quais deveria zelar, pois não foi para outra coisa que o povo a elegeu.

João do Vale.

**Com vista à policia**

Recomendamos o máximo cuidado em reprimir com energia certos abusos praticados por mulheres de má nota que desenfreadamente ofendem a moral pública. É tempo que a policia pres-

te serviço, pois anteriormente, com menos guardas, mantinha-se mais respeito, e hoje, que a corporação está com 20 guardas, não se justifica tal desleixo.

**VELHARIAS**

**Vimaranenses notáveis**

**Frei Damaso da Silva**, filho de Paulo de Freitas, nasceu designado pela Providencia para segundo filho de Guimarães, que este berço da monarchia dera ao generalato da Ordem beneditina. Chamado no seculo Miguel da Silva recebeu a cogulla no mosteiro de Santo Thyrso a 11 de fevereiro de 1610 com o nome de frei Damaso de S. Miguel. Na junta de maio de 1641, em attenção á sua provada capacidade foi eleito provincial da provincia de S. Bento no Brazil. Neste cargo achou, pelo seu zelo e actividade, algumas tribulações domesticas, de que triunfou energico e justiceiro, com o auxilio do governador da Bahia. Regressando ao reino recolheu-se no mosteiro de Rendufe, d'onde passou para o mosteiro de Travanca a exercer o cargo de procurador do Tombo, e neste cargo o elegeram D. abbade da casa em 1653. Em 1656 foi nomeado procurador geral na corte em Lisboa; em 1659 D. abbade do mosteiro de S. Bento da Victoria no Porto, e em 1662 visitador-mór da Ordem. Em 1665 nomeado D. abbade do mosteiro de Santo Thyrso ampliou notavelmente as obras do mesmo mosteiro, onde hospedou muito galhardamente o conde de Alvor, o conde da Torre e o marquez de Tavora, que em Lisboa o apresentou com muito reconhecimento a el-rei D. Pedro II, quando frei Damaso chegou á corte como Geral da sua Ordem, depois de eleito em 1668, como 35.º na serie prelatia. Concluido que fora com summo applauso o seu governo monachal, como D. abbade geral da Ordem, recolheu-se ao mosteiro predilecto de Santo Thyrso, onde entregou a alma a Deus a 29 de abril de 1672.

**D. Gabriel d'Annunção**, conego secular de S. João Evangelista, recebendo a murcha no anno de 1600. Era filho de Francisco Tarejo e de D. Anna Mendes Barroza, ambos oriundos de familias distinctas. Escolhido pelo arcebispo de Evora, D. João Coutinho, para seu coadjutor, foi sagrado em 1638 no convento de Santo Eloy em Lisboa com o titulo de bispo de Fez em Africa. Partindo logo depois o arcebispo para Madrid deixou-o com o governo da archidiocese, que elle regeu com summa vigilancia e prudencia até á morte do mesmo arcebispo a 12 de setembro de 1643. Em sede vacante foi elle nomeado visitador do arcebispado; mas viu-se obrigado, neste exercicio, a recolher-se a Evora, ao seu convento, gravemente enfermo, onde falleceu a 18 de março de 1644. Foi litterato e prégador de renome, deixando impresso um SERMÃO PRÉGADO NA NOVA IGREJA DE ENXOBREGAS, NO DIA DA DEGRADAÇÃO DO BAPTISTA, QUE FOI O ÚLTIMO DOS TRES NA SOLEMNISAÇÃO DA NOVA TRASLADAÇÃO DO SANTISSIMO SACRAMENTO, DA IGREJA VELHA PARA A NOVA CAPELLA. Lisboa, 1625. É raro e muito estimado. O nosso illustre patricio tambem havia sido conventual em Villar de Frades, e reitor do convento loyo em Lamego, edificado em 1596.

**Frei José d'Oliveira**, nasceu a 4 de fevereiro de 1638 e falleceu no convento da Graça em Lisboa a 22 de março de 1719. Era eremita agustiniano, doutor em theologia pela universidade de Coimbra, e foi eleito e sagrado bispo de Angola. Não chegou a exercer as funções episcopaes

pelo seu estado melindroso de saúde, continuando por isso a viver entre os seus religiosos. Havia sido qualificador do santo officio e eximio prégador, deixando publicados varios sermões.

**Manoel Affonso da Guerra**, filho de Salvador Gomes e D. Maria Gomes da Guerra. Ilustrou o seu nome e a sua patria pelos estudos, cursando direito pontificio na universidade de Salamanca. Achando-se em Lisboa em 1619 prégou um sermão de S. Thiago, depois impresso em 4.º, em presença do intruso Philippe II, que o nomeou membro honorario do seu conselho. Foi elevado á dignidade de bispo de Cabo Verde em 1622 e falleceu a 8 de março de 1624 na cidade da Ribeira Grande, na ilha de S. Thiago, onde estava residindo.

(Continua).

(Extraido do livro «GUIMARÃES», do Padre Caldas).

**“Gualterianas,”**

Promovida pela Associação dos Empregados de Comércio, realisonou-se uma importante reunião na sua sede, que esteve enormemente concorrida, para se tratar de promover grandiosos festejos por ocasião das feiras de S. Gualter, assunto de que nos anos anteriores se encarregava a Associação Commercial.

Na reunião, que decorreu com enorme entusiasmo, resolveu-se nomear uma comissão, constituída por José Luis de Pina, Abel Cardozo, Luis Augusto de Pina Guimarães, Dr. Adelino Jorge, Alberto Costa, Comandante dos Bombeiros Voluntários, Presidente da Câmara, Administrador do Concelho, José Roriz, pela imprensa de Lisboa e Porto, Joaquim de Almeida Guimarães, pela imprensa local, Presidente da Sociedade Martins Sarmento, António Francisco Ferreira de Castro, Direcção da Associação Commercial e Direcção da Associação dos Empregados no Comércio, que vai iniciar os trabalhos para que as Festas Gualterianas reasumam o seu antigo esplendor.

**Baptisado**

Recebeu ontem o nome de Francisco um filhinho do nosso amigo e correligionário snr. Francisco Baptista Coelho da Silva, aspirante da Fazenda deste concelho.

Os nossos cumprimentos assim como a sua Ex.ª Esposa.

**O caso dos notários**

Do snr. Dr. Jerónimo Rocha recebemos mais uma longa carta em que, tratando dessa porcaria que a dissidência engendrou com o preenchimento da vaga de notário, faz acusações gravissimas ao snr. Florêncio Lobo.

Não publicamos essa carta, nem nos referiremos mais ao assunto que já está suficientemente esclarecido. A «Velha Guarda» regista os factos, esclarece-os e chama para eles a attenção do público, para que este julgue e fique sabendo com quem lida. Nada mais. Ora o publico já está ilucidado e já julgou.

O resto é questão porca com que nada temos nem queremos ter. Da carta do snr. Dr. Jerónimo Rocha só aproveitamos, tornando-a, por esta forma, publica, a affirmação que nela faz de que já pediu ao Conselho do Notariado um inquérito aos seus actos. E fazemo-lo como satisfação ao nosso colega local «O Comercio de Guimarães» que neste sentido se referiu ao assunto.

**José de Oliveira Meira**

Após prolongados e dolorosos sofrimentos, succumbiu, no dia 13, o nosso querido amigo e dedicadissimo correligionário, José de Oliveira Meira, aos estragos duma doença horrivel, que nunca perdoa.

Compunge-nos profundamente, a grande perda que para nós representa, como republicanos e como amigos, a morte desse bom e leal correligionário e, a sua familia, com os protestos da muita consideração que, pela memória do morto, nos merecerá sempre, apresentamos as nossas sinceras condolências.

**AGRADECIMENTO**

Mário Pinto Leite vem por este meio patentear o seu reconhecimento a todas as pessoas amigas que procuraram saber do seu estado de saúde quando do desastre que sofreu na Rua da Liberdade assim como tambem aos Ex.ªs Médicos que o trataram, pedindo desculpa de só agora o fazer.

**Partido Republicano Português**  
**Organização local**

Pelo Directório foram nomeados seus delegados nas freguezias abaixo designados os seguintes correligionários:

- Abação (S. Tomé)—Manuel Francisco Alves.
- Arosa—Domingos José Pereira Pinto.
- Balazar—Antonio José de Castro.
- Barco—Inácio da Silva Guimarães.
- Briteiros (Santa Leocádia)—Joaquim José Marques Guimarães.
- Brito—Adelino Augusto Rodrigues da Silva.
- Caldas (S. João)—Aurélio da Silva Mendes.
- Caldas (S. Miguel)—Ernesto Pereira da Silva.
- Calvos—Fernando José Moreira Leite.
- Candoso (S. Martinho)—José António de Almeida Júnior.
- Candoso (S. Tiago)—João Ribeiro de Castro Meirelles.
- Castelões—Manoel Joaquim da Costa Coutinho.
- Costa—Cornelio Mendes.
- Gandaréla—Joaquim Augusto Alves de Oliveira.
- Gemeos—Zeferino José Ribeiro Cardoso.
- Gominhães—José da Silva.
- Gonça—Artur de Sousa Mascarenhas.
- Gondar—Clemente Ribeiro de Abreu.
- Gondomar—Manoel Joaquim Fernandes.
- Guardisela—Alvaro Dias Pereira da Costa Almeida.
- Longos—Manoel José Gomes Junior.
- Mascotelos—Gaspar Martins Leite.
- Nespereira—Arnaldo Fernandes da Silva Guimarães.

Ponte—Eduardo Veira da Cruz Pinto de Almeida.

Selho (S. Jorge)—Antonio José Lopes Corrêa e Augusto Pinto Lisboa.

Selho (S. Lourenço)—Manoel Fernandes.

Serzedelo—Clemente Pinto Teixeira da Costa.

Serzedo—José Joaquim de Oliveira.

Silvares—António Fernandes Cardozo.

Souto (Santa Maria)—João Duarte de Macedo.

Ponte (S. Salvador)—Manuel Inácio de Araujo e Freitas.

Taboadelo—Alvaro Leite Machado.

Tagilde—José Antonio de Faria.

**Leilão de penhores**

No dia 17 de Julho próximo, pelas 9 horas, na casa penhorista da Rua Gravador Molarinho, 39 a 43, junto ao Tribunal desta cidade, «antiga casa Veloso», proceder-se-ha a leilão dos objectos abandonados.

Pede-se aos senhores mutuários o favor de pagarem os juros em débito até ao dia 10 do mesmo mês, porque, passado esse dia, não se recebem juros.

Ernesto Teibão.

**Perdigueiro**

De Santo Estevão de Briteiros—Taipas—desapareceu um que dá pelo nome de «Boer». É malhado de preto e branco, amarelo tostado e sobrolhos da mesma cor. Rabucho preto. Gratifica-se a quem lá o entregar ao snr. Eduardo Maia ou informar do seu paradeiro o snr. Adelino L. de Faria, Rua Elias Garcia—Guimarães. Procedese contra quem o retiver.

**Propriedade**

Vende-se uma casa na Rua de D. João I, n.º 182, com 2 andares, escritório, lojas, 2 quintais, tanque com água tirada a bomba circulatória.

Para tratar em Caneiros, na casa do sr. António Neves—Guimarães.

**Anuncio**

VENDE-SE um prédio em bom estado e com boa loja para qualquer negócio.

Rua da República, 99 e 101 (largo da feira do leite)—Guimarães.

Falar das 11 horas em diante.

Ex.ª Snr. Biblioteca Municipal  
Guimarães